

## Roland Barthes encontra Leyla Perrone-Moisés, a sua mais importante crítica no Brasil /

### *Roland Barthes rencontre Leyla Perrone-Moisés, sa plus importante critique au Brésil*

*Marcelise Lima de Assis\**

Doutoranda em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (UNEB). Mestra em Letras, pelo Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (UNEB). Graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB). Desenvolve pesquisa no grupo de estudo "Pós-teoria" (CNPq/UNEB), coordenado pelo Prof. Dr. Washington Drummond.

 <https://orcid.org/0000-0001-6388-3531>

**Recebido** em: 25 jul. 2023. **Aprovado** em: 02 nov. 2023.

#### **Como citar este artigo:**

DE ASSIS, Marcelise Lima. Roland Barthes encontra Leyla Perrone-Moisés, a sua mais importante crítica no Brasil. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 12, n. 2, p. 169-188, nov. 2023. Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10199007>

#### RESUMO

A área de Letras no Brasil é marcada pela teoria literária francesa produzida nos anos 1960, quando o método estruturalista virou o modelo de cientificidade para as Letras e para as Ciências Humanas. Intelectuais franceses, como Roland Barthes, Michel Foucault, Jacques Derrida, Louis Althusser, Gilles Deleuze, entre outros, foram introduzidos no Brasil por intelectuais que, na época, foram à França em busca de novos conhecimentos. Entre esses brasileiros, a pesquisadora Leyla Perrone-Moisés foi a responsável por introduzir e divulgar a obra do francês Roland Barthes. O presente artigo busca mostrar a forma como Leyla Perrone-Moisés tornou-se a maior divulgadora da obra de Roland Barthes no Brasil. Para isso, o texto foi dividido em quatro partes: 1) análise do trabalho intelectual de Leyla Perrone-Moisés ao lado da obra de Roland Barthes no Brasil; 2) estudo da relação intelectual e de amizade estabelecida entre os autores, sobretudo para a tradução do livro *Aula Inaugural*, de Barthes, para a Língua Portuguesa; 3) análise de como o posfácio elaborado por Perrone-Moisés traz impressões sobre a situação política e cultural do Brasil e, por fim, 4) estudo dos desdobramentos da *Aula Inaugural* nos cursos do Collège de France na visão de Leyla Perrone-Moisés. Para isso, foi utilizado, além dos textos de Roland Barthes e Leyla Perrone-Moisés, artigos de pesquisadores brasileiros contemporâneos: Laura Taddei Brandini (2014), Cláudia Amigo Pino (2023), Márcio Venício Barbosa (2020) e o pesquisador espanhol Max Hidalgo Nácher (2016).

**PALAVRAS-CHAVE:** Leyla Perrone-Moisés; Teoria literária; Roland Barthes.

---

\*  [lissletras@gmail.com](mailto:lissletras@gmail.com)

## RÉSUMÉ

Le domaine des Lettres au Brésil est marqué par la Théorie Littéraire Française produite dans les années 1960, lorsque la méthode structuraliste est devenue le modèle de scientificité pour les Lettres et les Sciences Humaines. Des intellectuels français, tels que Roland Barthes, Michel Foucault, Jacques Derrida, Louis Althusser, Gilles Deleuze, entre autres, ont été introduits au Brésil par des intellectuels qui, à l'époque, sont allés en France à la recherche de nouvelles connaissances. Parmi ces brésiliens, la chercheuse Leyla Perrone-Moisés est chargée de présenter et de diffuser les travaux du Français Roland Barthes. Cet article cherche à montrer comment Leyla Perrone-Moisés est devenue la plus grande divulgatrice de l'œuvre de Roland Barthes au Brésil. Pour cela, le texte a été divisé en quatre parties: 1) analyse de l'œuvre intellectuelle de Leyla Perrone-Moisés aux côtés de l'œuvre de Roland Barthes au Brésil ; 2) étude de la relation intellectuelle et de l'amitié établies entre les auteurs, en particulier pour la traduction en portugais de la Conférence inaugurale de Barthes; 3) l'analyse de la façon dont la postface préparée par Perrone-Moisés apporte des impressions sur la situation politique et culturelle du Brésil et, enfin, 4) l'étude du déroulement de la Conférence inaugurale dans les cours du Collège de France dans la vision de Leyla Perrone-Moisés. Pour cela, outre les textes de Roland Barthes et Leyla Perrone-Moisés, des articles de chercheurs brésiliens contemporains ont été utilisés: Laura Taddei Brandini (2014), Cláudia Amigo Pino (2023), Márcio Venício Barbosa (2020) et le chercheur espagnol Max Hidalgo Nácher (2016).

**MOTS-CLÉS:** Leyla Perrone-Moisés; Théorie Littéraire; Roland Barthes.

## 1 Introduction

A área de Letras no Brasil é marcada pela presença da teoria literária francesa. Desde os anos 1960, particularmente, os diversos “estruturalismos” e “pós-estruturalismos” tiveram enorme êxito na academia brasileira, assim como seus principais teóricos de língua francesa: Roland Barthes, Michel Foucault, Jacques Derrida, Louis Althusser, Gilles Deleuze e outros. Essas relações se deram não só através da divulgação e do uso de conceitos e procedimentos metodológicos, mas também, por meio do estabelecimento de relações de amizade decorrentes do deslocamento dos intelectuais brasileiros até a França, para o acompanhamento dos diversos seminários oferecidos em Paris pelos mestres franceses.

O esforço empreendido pela intelectual brasileira Leyla Perrone-Moisés fez de Roland Barthes um dos maiores teóricos dos estudos da Literatura e da Linguística no Brasil. Um dos seus textos mais importantes foi *Análise estrutural da narrativa*, que orientou as análises dos textos literários. Posteriormente, após o rompimento do autor com o método estruturalista, seus livros continuaram exercendo influência no Brasil, sobretudo nos cursos de pós-graduação, um exemplo é o livro *O prazer do texto*, que colocou em xeque o método estrutural de análise. Ao dizer, em sua *Aula Inaugural*, que a língua é fascista porque obriga o sujeito a dizer, Roland Barthes estava, também, elaborando uma crítica ao método estruturalista de análise, pois este, segundo ele,

limitava-se a análise o texto sem colocar em xeque a estrutura da língua e suas formas de alienação. No livro *O prazer do texto* ele diz: “Para escapar à alienação da sociedade presente, só existe este meio: *fuga para frente*: toda linguagem antiga é imediatamente comprometida, e toda linguagem se torna antiga desde que é repetida” (BARTHES, 1987, p. 52).

O novo, para se referir ao que veio depois do método estruturalista, que ele compreende como “arrebato desvairado”, é o que é capaz de desestabilizar o discurso socialmente repetido. A linguagem que se produz e se dissemina sob a proteção da burguesia é, para Roland Barthes, uma linguagem de repetição. As instituições oficiais são produtoras dessa linguagem: escolas, publicidade, obra de massa, canção “redizem sempre a mesma estrutura, o mesmo sentido, amiúde as mesmas palavras: o estereótipo é um fato político, a figura principal da ideologia” (BARTHES, 1987, p. 54).

Nesse sentido, este artigo procura acompanhar algumas trocas intelectuais estabelecidas entre a pesquisadora brasileira Leyla Perrone-Moisés e o escritor francês Roland Barthes, trocas que fizeram da pesquisadora a maior divulgadora da obra de Roland Barthes no Brasil, reconhecida também por críticos, como Max Hidalgo Nácher (2016, p. 344, *tradução nossa*), da Universidade de Barcelona “Se quer estudar a recepção e os usos da obra de Roland Barthes no Brasil, um nome se impõe: o de Leyla Perrone-Moisés”.<sup>1</sup> Para a elaboração deste artigo, foram utilizados os procedimentos metodológicos: **a.** levantamento da produção bibliográfica da pesquisadora Leyla Perrone-Moisés, correlacionada à obra de Roland Barthes; **b.** compreensão de como se deu o processo da tradução do livro *Aula Inaugural* de Roland Barthes para o Brasil.

Dito isso, este artigo está dividido em quatro partes: **1)** análise do trabalho intelectual de Leyla Perrone-Moisés ao lado da obra de Roland Barthes no Brasil; **2)** estudo da relação intelectual e de amizade estabelecida entre os autores, sobretudo para a tradução do livro *Aula Inaugural*, de Barthes, para a Língua Portuguesa; **3)** análise de como o posfácio elaborado por Perrone-Moisés traz impressões sobre a situação política e cultural do Brasil e, por fim, **4)** estudo dos desdobramentos do livro *Aula Inaugural* nos cursos do Collège de France na visão de Leyla Perrone-Moisés.

---

<sup>1</sup> “Si se quiere estudiar la recepción y los usos de la obra de Roland Barthes en Brasil, un nombre se impone: el de Leyla Perrone-Moisés”.

## 2 O trabalho intelectual de Leyla Perrone-Moisés e a obra de Roland Barthes no Brasil

A professora pesquisadora Leyla Perrone-Moisés graduou-se em Letras Neolatinas pela Universidade de São Paulo e, em 1968, deslocou-se para Paris, onde pesquisou literatura francesa e escreveu sua tese de doutorado sobre o poeta uruguaio Lautréamont. Ela afirma: “O acesso que tive à seção de jornais e revistas francesas da Universidade de Wisconsin durante todo o ano de 1962 e minhas sucessivas idas à França desde 1968 me mantinham informada” (PERRONE-MOISÉS, 2021, p. 29). Em Paris, começou a assistir aos seminários de Roland Barthes, iniciando uma relação intelectual com o autor – interação esta que possibilitou-lhe apresentar diretamente ao teórico francês seus textos escritos sobre ele, que a respondia com generosidade, numa intensa, afetuosa e generosa troca epistolar: foi em 1968 que, “munida de dois artigos sobre Roland Barthes que me apresentei a ele, em 1968” (PERRONE-MOISÉS, 2021, p. 28). Nesse período de 1968, quando ainda vivia no Brasil, Leyla Perrone-Moisés escrevia textos para a revista *Suplemento Literário*, de *O Estado de São Paulo*, com artigos dedicados às produções dos intelectuais franceses, especialmente Roland Barthes. Conforme afirma Max Hidalgo Náchter (2016):

Desde que publicou no suplemento literário de *O Estado de S. Paulo* (6/7/1968) "Uma necessidade livre", um primeiro artigo sobre Barthes e Macherey, até a atualidade, Perrone-Moisés protagonizou um trabalho de mediação fundamental para introduzir o legado barthesiano no Brasil (HIDALGO, 2016, p. 344-345, *tradução nossa*).<sup>2</sup>

Em 1969, Leyla Perrone-Moisés continuou a acompanhar a intelectualidade francesa e a publicar seus artigos no *Suplemento Literário*. Nota-se que a intelectual tornou-se uma divulgadora do pensamento de Barthes primeiro no meio jornalístico, conforme mostra a pesquisadora Claudia Amigo Pino, em seu recente texto *As Múltiplas Críticas da Crítica de Leyla Perrone-Moisés*, publicado pela *Revista Crítica & Criação*:

Essa crítica escondida por trás do objeto principal do texto se repete em outros artigos do *Suplemento Literário*. É o caso do seu primeiro texto sobre Roland

---

<sup>2</sup> Desde que publicara en el suplemento literario de *O Estado de S. Paulo* (6/7/1968) “Uma necessidade livre”, un primer artículo sobre Barthes y Macherey, hasta la actualidad, Perrone-Moisés ha protagonizado una labor de mediación fundamental para introducir el legado barthesiano en Brasil (HIDALGO, 2016, p. 344-345).

Barthes, que, curiosamente, não é sobre um texto de Barthes, mas sobre o livro de Pierre Macherey, *Pour une théorie de la production littéraire*, publicado em 1968 (PINO, 2023, p. 244).

Outra informação relevante é que Leyla Perrone-Moisés iniciou sua imersão no contexto intelectual brasileiro por meio do jornal, a convite de Décio de Almeida Prado:

Minha dívida para com Décio de Almeida Prado (1917-2000) é grande. Sem a presença dele no *Suplemento Literário* de O Estado de S. Paulo, de 1956 a 1972, e sem a oportunidade que ele ali me abriu, é provável que meu caminho intelectual tivesse sido outro. Devo particularmente a Décio minha opção pela literatura, minha especialização em literatura francesa e, em decorrência desta, minha carreira universitária (PERRONE-MOISÉS, 2021, p. 25).

Para participar do *Suplemento literário*, Perrone-Moisés foi convidada por Décio de Almeida Prado, enquanto o convite para a construção de uma vida intelectual dentro da universidade partiu de contribuições caras de Antonio Candido – que, à época, fez parte de sua banca de defesa da tese de doutorado –, e foi o responsável por despertar-lhe o desejo de viajar para a França, com bolsa Fapesp, para uma jornada de pesquisa sobre literatura francesa. Ela declara: “Candido me abriu assim a oportunidade de passar dois anos decisivos em Paris (1972-4), no período áureo do estruturalismo e da semiologia” (PERRONE-MOISÉS, 2021, p. 31).

Um dos principais artigos sobre a trajetória de tradução dos livros de Roland Barthes no Brasil foi escrito pela professora Laura Taddei Brandini, intitulado *Roland Barthes no Brasil, via traduções*. Nele, ela trata de informações pertinentes para este estudo, como o que está presente no seguinte trecho:

Roland Barthes nunca colocou os pés no Brasil. Embora tenha sido convidado por Leyla Perrone-Moisés a ministrar conferências em universidades brasileiras e, por carta, eles tenham discutido até mesmo detalhes dessa empreitada [...] a viagem nunca se concretizou. No entanto, por meio da tradução de suas obras, Barthes frequenta os meios intelectuais brasileiros desde 1970 (BRANDINI, 2014, p. 121).

Nesse sentido, observa-se uma inserção da pesquisadora Perrone-Moisés no contexto intelectual francês, a partir do qual ela criou (e continua criando) um trabalho de divulgação e

aplicação das ideias francesas no Brasil. A respeito dessa relação entre ela e Barthes, o crítico Haroldo de Campos, em seu livro *Metalinguagem e outras metas*, discorre que:

Em 1970, na Coleção Debates da Editora Perspectiva, já havia aparecido uma outra obra de Barthes, uma coletânea de ensaios, organizada a partir de dois livros do autor (*Essais Critiques*, 1964, e *Critique et Vérité*, 1966). Adotado como título o nome do segundo livro citado, essa coletânea vinha apresentada por Leyla Perrone-Moisés, que se firmara a seguir entre nós como a principal expositora e intérprete do crítico-escritor francês (CAMPOS, 2006, p. 119).

Na apresentação do livro *Crítica e verdade*, Leyla Perrone-Moisés traz uma reflexão acerca de seu trabalho de tradutora dos textos de Barthes. Ela pontua que traduzir o autor é uma tarefa difícil, “quase temerária”, pois “A cada passo, o tradutor teme deixar escapar nos interstícios de uma nova língua as conotações que fazem da ‘escritura’ de Barthes uma fala de escritor” (PERRONE-MOISÉS, 1970, p. 1). Assim, inicia-se a relação da pesquisadora brasileira com os livros do teórico francês, no sentido de ser parte dos materiais como organizadora, apresentadora, tradutora de seus livros no Brasil.

Nesse sentido, ao dar continuidade ao seu trabalho de tradutora e divulgadora da obra barthesiana, posteriormente Perrone-Moisés traduziu o livro *Roland Barthes por Roland Barthes*, editado e publicado pela Editora Cultrix em 1977. Esse livro possui uma nota de abertura de advertência ao leitor: “Tudo isso deve ser considerado como dito por uma personagem de romance” (BARTHES, 2017, p. 11). Trata-se de um livro em que Barthes compartilha fotografias de familiares, de sua infância e de conferências e mesas redondas das quais participou nas universidades. No começo dessa obra, há fotos e comentários, por vezes, irônicos, do autor; e, em seguida, há fragmentos temáticos e críticos, sendo que, nessa segunda parte do livro, são apresentadas algumas pinturas do autor.

Posteriormente, Leyla Perrone-Moisés elaborou um trabalho utilizando os conceitos e as ideias do autor. Trata-se do livro autoral *Texto, Crítica, Escritura*, publicado pela Editora Ática em 1978. Nele, a autora discutiu tanto sobre o lugar do crítico de literatura quanto sobre as mudanças que esse campo sofreu desde o aparecimento da ideia de “escritura”.

Em 1980, Leyla Perrone-Moisés traduziu e publicou, pela editora Cultrix, a *Aula Inaugural* de Barthes no Brasil. Por meio de um convite do próprio teórico, ela também elaborou o posfácio do livro. Nele, ela busca refletir a respeito dos ensinamentos da *Aula*, bem como pensar o Brasil

sob a ótica dos escritos barthesianos. Além disso, para a elaboração desse posfácio, foi estabelecida entre eles uma troca epistolar, vista como um processo de incentivo e orientação do texto. Essas cartas serão estudadas na segunda parte deste artigo.

Em 1983, Perrone-Moisés escreveu a biografia de Barthes, publicada pela Editora Brasiliense, na coleção “Encanto radical”, com o título: *Barthes: o saber com sabor*. O texto é dividido em oito capítulos, nos quais a autora aborda os maiores temas da obra barthesiana e apresenta as fases do autor durante sua trajetória intelectual. Para elaborar um pequeno ensaio bibliográfico, ela se valeu, inclusive, do conceito barthesiano “biografemas”.

Em 2012, Perrone-Moisés publicou, pela Editora Martins Fontes, o livro *Com Roland Barthes*, no qual descreve algumas memórias e disponibiliza as correspondências trocadas com o autor. Seu sumário é dividido em três capítulos: no primeiro, a autora trata do encontro com o autor e da linguagem em Barthes e anexa algumas cartas recebidas; em seguida, no segundo capítulo, discorre sobre os principais conceitos barthesianos (“escritura”, discurso e poder) e expõe algumas correspondências que Barthes lhe enviou; por fim, no terceiro capítulo, ela discute sobre o tempo ‘depois de Barthes’.

No curso da pesquisa para a elaboração deste artigo, encontramos os pesquisadores brasileiros que já haviam notado a relação de amizade e as trocas intelectuais entre Perrone-Moisés e Roland Barthes, a exemplo do professor pesquisador Marcio Venício Barbosa, especificamente em seu artigo *Escritura e amizade: a presença de Roland Barthes na obra de Leyla Perrone-Moisés*. Para ele:

Entretanto, para os objetivos deste artigo, temos um interesse maior no livro que o precedeu, lançado em 2012: *Com Roland Barthes*. Inteiramente dedicado ao autor, esse livro é um exemplo do que foi dito no início deste artigo: um diálogo acadêmico, permeado pela produção crítica e mapeado pelos avanços e incertezas diante do objeto de estudo, a literatura. Mas esse diálogo não é respaldado apenas pelas práticas acadêmicas (BARBOSA, 2020, p. 88).

Na apresentação do livro, Perrone-Moisés expressa que este reúne a maioria dos textos que ela escreveu sobre Barthes durante os mais de quarenta anos de contato intelectual e de pesquisas sobre a obra barthesiana. Ainda para Marcio Venício Barbosa (2020):

Há ali, embora não se possa definir exatamente em que dimensão, a intervenção da amizade. Ela não se manifesta, porém, como aceitação incondicional do outro, transformando defeitos ou deslizes em qualidades; também não se manifesta pelos interesses que bem pode haver em qualquer tipo de relação. Mantida como pano de fundo de um discurso sobre as trocas intelectuais, essa amizade aflora em pequenas dedicatórias mostradas nos fac-símiles de cartas de RB recebidas por LPM (que fazem imaginar a gentileza da autora nas suas próprias cartas a RB) e, apenas uma vez, explicitada em um texto, “Relembrando Barthes, sem autópsias acadêmicas”. (BARBOSA, 2020, p. 88)

No ano de 2021, Perrone-Moisés publicou, pela Editora Companhia das Letras, o livro *Vivos na Memória*. Nele, como se constata no título, a autora descreveu as memórias das relações vividas com vários intelectuais franceses, inclusive com o filósofo Jacques Derrida, na França e nas suas visitas ao Brasil. O livro, além de mais um relato sobre seus contatos com Roland Barthes, nos apresenta toda a sua formação, entre viagens e eventos em universidades, dentro e fora do Brasil. Para Leyla Perrone-Moisés “mais do que um tributo de admiração, este longo trabalho com Roland Barthes tenta devolver-lhe aquilo com que ele me presenteou em sua penúltima carta: ‘minha viva e fiel afeição’” (PERRONE-MOISÉS, 2012, p. 13).

### 3 Uma aula

Analisando os dois livros de memórias de Leyla Perrone-Moisés, compreendemos melhor o seu percurso intelectual, dividido entre dois países: França e Brasil. Em seu livro *Vivos na memória*, no capítulo intitulado *Roland Barthes: luto e faits divers*, a autora enfatiza, no início do capítulo, que Barthes foi seu mestre de literatura, relata a importância do autor para uma parte de sua trajetória e diz que a relação com ele se tornou uma amizade. Conhecedora do trabalho barthesiano, Leyla Perrone-Moisés diz que o ingresso de Barthes no Collège de France foi um momento importante da produção dele, afinal, desde seu ingresso, “ele se tornara realmente uma celebridade” (PERRONE-MOISÉS, 2021, p. 125). Sua *Aula inaugural*, pronunciada no dia 7 de janeiro de 1977, para ocupar a cadeira de semiologia literária no Collège de France, foi traduzida por Perrone-Moisés. No livro *Barthes: o saber com sabor*, escreve a autora sobre esse importante acontecimento na carreira acadêmica do francês: “Em 1977, Barthes tomou posse na nova cadeira

de Semiologia Literária do Colégio de França, instituição acima e fora da universidade, local onde os mais ilustres professores franceses de todas as especialidades oferecem cursos livres e abertos ao grande público” (PERRONE-MOISÉS, 1983, p. 13). No sexto capítulo do mesmo livro, intitulado “Amor e Poder”, a autora aborda novamente a *Aula Inaugural* de Barthes, chamando a atenção da audiência formada pelos mais importantes intelectuais da cena parisiense.

Para ouvir sua *Aula Inaugural*, ocorreram centenas de pessoas (cf. *Le Monde*, 9/1/77) e praticamente todos os representantes da *intelligenza* francesa: Foucault (que o apresentou), Lévi-Strauss, Deleuze, Châtelet, Greimas, Kristeva, Robbe-Grillet, Sollers e muitos outros (PERRONE-MOISÉS, 1983, p. 60).

Na obra *Com Roland Barthes*, também um livro de memórias, Perrone-Moisés anexou algumas cartas trocadas com o teórico, sobretudo aquelas em que eles conversaram a respeito da *Aula Inaugural*. Essas informações são importantes para entender como se deu o processo de tradução da *Aula* para a Língua Portuguesa e a elaboração do posfácio. O livro *Com Roland Barthes* possui dois volumes de cartas do teórico, enviadas para Leyla Perrone-Moisés: no primeiro, estão as cartas enviadas de 1968 a 1974 e, no segundo, estão as enviadas de 1977 a 1979. Esse segundo volume é o que interessa a este tópico, uma vez que são as cartas que tratam da *Aula Inaugural*.

A primeira carta é de maio de 1977, enviada por Barthes a Leyla Perrone-Moisés, na qual ele aborda a saúde de sua mãe – com quem morava –, a publicação da *Aula Inaugural* e os trâmites iniciais para a tradução para a Língua Portuguesa. Nessa carta, nota-se a relação existente não só entre intelectuais, mas também amical:

22 de maio de 1977

Cara Leyla,

Obrigado por seu bilhete. A saúde de minha mãe, infelizmente, me preocupa, e não estou disponível para trabalhar ou responder.

Digo-lhe pois, rapidamente, que a aula inaugural do Collège, que terá os direitos sobre ela durante 6 meses. Somente depois ela estará disponível. Mandarei a separata a você quando ela for impressa.

Obrigado pelas boas notícias que você me dá do RB [Roland Barthes por Roland Barthes]. Obrigado por seu trabalho, por sua fidelidade.

Seu amigo

R Barthes  
(PERRONE-MOISÉS, 2012, p. 111).

Em setembro de 1977, Leyla Perrone-Moisés recebeu mais uma correspondência de Roland Barthes, em que ele continua demonstrando preocupação com a saúde da mãe. Nota-se, por meio das informações expressas na carta, que havia uma relação tanto intelectual, quando ele fala sobre cursos, livros etc., quanto de amizade, quando ele confia informações pessoais a Leyla Perrone-Moisés:

10 de setembro [de 1977]

Obrigado, cara Leyla, pelo livro e pela carta, recebidos ao mesmo tempo e com grande alegria. Parece-me muito bom, causou-me um profundo prazer: agradeço-lhe verdadeiramente por seu trabalho, sua inteligência, sua amizade. - Continuo preocupado com a saúde de minha mãe; ela não vai mal, mas [seu estado] é precário, e eu me tornei largamente indisponível, guardando o pouco tempo que tenho agora a preparação do Curso. Não me esqueço de você e gosto sempre de ter notícias suas.

Seu amigo

RB  
(PERRONE-MOISÉS, 2012, p. 113).

Na carta de maio de 1978, o autor trata da publicação comercial de sua *Aula*, notificando a Perrone-Moisés qual seria a editora com que precisaria manter relação com o Brasil para o trabalho de tradução.

5 de maio de 1978

Cara Leyla,

Lamento não a ter encontrado. E, sobretudo, obrigado por sua fidelidade tão ativa – a *Aula* do Collège será publicada comercialmente pela Seuil, ao cabo de um prazo legal estipulado pelo Collège (esse prazo vai expirar logo). É portanto com a Seuil que será preciso tratar, daqui a alguns meses. É necessário, pois, escrever-lhes, o Collège está fora da jogada.

Com pressa (sempre)  
seu, com toda a amizade  
R. Barthes

(PERRONE-MOISÉS, 2012, p. 115).

Percebe-se que essa sequência de cartas de 1977 a 1979 versa sobre o tema *Aula Inaugural* do Collège de France. De maio de 1977, chega-se à carta de 1978, quando, finalmente, Barthes tece comentários a respeito do posfácio elaborado por Perrone-Moisés para a publicação da *Aula* no Brasil:

24 de maio de 1979

Cara amiga,

Respondo com atraso a sua bela carta – e já sei que não vou responder. Tornei-me mais incapaz do que nunca de escrever cartas – talvez, o que é mais grave, de “dialogar” (mas será que alguma vez o fiz? Já que você me considera um “escritor”, é preciso render-se a esta evidência: um escritor não dialoga). O que posso dizer de tudo o que você me escreveu, é que é *precisamente* isso que deve dizer da *Aula*. Seu posfácio está feito, e quase em sua forma final.

Agradeço-lhe, cara Leyla, por sua confiança, sua invenção na confiança. Expresso-lhe minha viva e fiel afeição

Roland Barthes  
(PERRONE-MOISÉS, 2012, p. 117).

Em junho de 1979, Barthes expressa as impressões iniciais a respeito do posfácio elaborado por Leyla Perrone-Moisés, mostrando-se animado e grato pelo trabalho da pesquisadora brasileira. As despedidas nas cartas são quase sempre acompanhadas das palavras “fiel” e “amizade”, o que mostra uma boa relação não só intelectual, mas também de amizade, que havia entre ambos.

5 de junho de 1979

Cara amiga,

Recebo sua carta no momento de partir para a Grécia por duas semanas; tive entretanto tempo para ler o que você começou a escrever sobre a tradução: é absolutamente justo (principalmente no que concerne à pontuação, nunca dito antes). Continue, vai ser ótimo. Obrigado por tanta inteligência e benevolência.

Seu  
muito fielmente

Roland Barthes  
(PERRONE-MOISÉS, 2012, p. 119).

Apesar de nos ressentirmos da falta das cartas enviadas pela professora Leyla Perrone-Moisés ao crítico Roland Barthes – pois isso daria uma perspectiva mais ampla de análise a este artigo –, não podemos deixar de acompanhar com cuidado as cartas que foram publicizadas. Afinal, esse conjunto de cartas demonstra o nível de intimidade existente entre os dois, que se desdobra no manejo de temas ligados à produção intelectual, tradução, acompanhamento de ambos os trabalhos e outros, sem perder de vista uma relação de intimidade marcada por sentimentos como amizade, fidelidade e respeito.

Dando continuidade à linha de força de nossos argumentos, neste artigo, de que a relação entre os dois autores foi, sobretudo, alicerçada na amizade e na fidelidade, destacamos a frase de Roland Barthes, retirada de carta enviada no dia 5 de maio de 1978: “obrigado por sua fidelidade tão ativa”. Dela, aproximamos um pequeno relato de Perrone-Moisés na apresentação do livro *Com Roland Barthes*, quando a autora coloca, de forma surpreendente e emotiva, a sua relação com o autor francês, nos mesmos moldes: “Nas cartas, ele agradece frequentemente minha ‘fidelidade’. Meu trabalho com sua obra tem continuado muito além de sua morte, e minha fidelidade a ele permanece intacta” (PERRONE-MOISÉS, 2012, p. 9).

#### 4 Uma lição

No posfácio do texto *Aula Inaugural*, Leyla Perrone-Moisés traz uma reflexão a respeito do papel do tradutor, bem como fala sobre sua tarefa ao traduzir o livro de Barthes. Para ela, o tradutor precisa acompanhar o “passo da dança” do escritor, suas manhas, suas ironias, seu vocabulário:

Se não é fácil, para o tradutor, achar o dizer exato, também não o foi para o escritor, ao enfrentar sua própria língua. Traduzir é recomeçar a luta da escritura para transformá-la novamente em dança. A única vantagem do tradutor, é que ele dispõe de uma coreografia previamente traçada (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 67).

Nota-se que o trabalho do tradutor de textos teóricos é também revelador, na medida em que, ao traduzir, o tradutor, por meio da experiência interna do texto, pode notar informações que não são reveladas tão facilmente ao leitor crítico. Leyla Perrone-Moisés é, além de tradutora, uma

crítica da obra do autor. Ela afirma que, “Ao traduzir, o crítico deixa de ser um mero espectador para entrar na dança” (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 68). Para ela, o texto de Barthes não é difícil de ser traduzido, pois o autor não exagera em termos agramaticais, ele não cria um idioleto, “o trabalho barthesiano é mais delicado. Barthes subverte a língua sem violentá-la” [...] “Seus enunciados são perfeitamente gramaticais, seu estilo é clássico, seus textos pertencem a um gênero flexível, mas conhecido e reconhecido: o ensaio”. Como bom interessado e estudioso da linguagem, Roland Barthes abordou muito a respeito dos “discursos de poder”, em sua *Aula*, tema que também é muito recorrente nos trabalhos dos intelectuais Michael Foucault, Derrida, Deleuze etc. O objetivo de Barthes era o de sempre usar a linguagem para destruir os estereótipos:

Por que essa teimosia na perseguição de todo estereótipo, de todo lugar comum, toda palavra-de-ordem, toda expressão do bom senso e da boa consciência? Porque o trabalho de Barthes, como o de todo escritor, se efetua na linguagem e, *para ele, transformar o mundo é transformar a linguagem*, combater suas escleroses e resistir a seus acomodamentos (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 56, *grifos nossos*).

O trabalho de Barthes *na* linguagem, segundo Leyla Perrone-Moisés, sempre foi o de combater as arrogâncias, os autoritarismos; nessa investigação, a engenharia que arquiteta o poder linguageiro fica mais clara. Para ela,

Esse trabalho é muito mais libertário, colabora muito mais para o advento de “outra coisa” (“*Mudar a língua, mudar o mundo*”) do que os discursos militantes, autorizados e autoritários, que visam a substituir um poder por outro, mantendo intactos a noção de hierarquia e os velhos mecanismos de dominação aos quais o discurso pode servir de instrumento (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 56, *grifos nossos*).

Quanto aos posicionamentos políticos, Roland Barthes foi muito atacado, sobretudo por intelectuais de esquerda, principalmente em sua fase estruturalista. Esses intelectuais exigiam dele “tomadas de posições nítidas e justas” (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 56), compreendiam “seus deslocamentos como imorais, sua defesa do jogo e do prazer como irresponsável” (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 56). Leyla Perrone-Moisés declara que “Não se tratava, para ele, de abandonar o marxismo, mas de resistir a certo discurso de esquerda que tomava ares policiais com relação a qualquer discurso divergente; sem, com isso [...] tomar uma atitude policial com

relação a esse discurso marxista” (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 59). A pesquisadora retoma o pensamento de Roland Barthes para refletir sobre o Brasil e as lutas dos discursos e o sentido da democracia:

A situação da luta dos discursos, aqui em casa, neste momento brasileiro de “abertura democrática”, torna essas questões particularmente oportunas. Lendo certos textos da imprensa brasileira depois da relativa suspensão da censura, tem-se a impressão de reconhecer o que Barthes descreve na Aula: “À medida que os aparelhos de contestação se multiplicavam, o próprio poder, como categoria discursiva, se dividia, se estendia como uma água que escorre por toda parte, cada grupo opositor tornando-se por sua vez e à sua maneira um grupo de pressão, e entoando em seu próprio nome o próprio discurso do poder, o discurso universal: uma espécie de excitação moral tomou conta dos corpos políticos e, mesmo quando se reivindicava a favor do gozo, era num tom cominatório. Viram-se assim a maior parte das liberações postuladas, as da sociedade, da cultura, da arte, da sexualidade, enunciadas sob as espécies de um discurso de poder: vangloriavam-se de pôr em evidência o que havia sido esmagado; sem ver o que, assim fazendo, se esmagava alhures” (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 64).

Para Leyla Perrone-Moisés, o conteúdo do texto da *Aula Inaugural* era essencial para pensar o momento em que o Brasil estava, principalmente por causa da conquista da democracia. Os discursos, para ela, se apresentavam extremistas, não expressando o verdadeiro sentido da democracia, do respeito à pluralidade de discursos. Nesse sentido, cabe lê-la com suas palavras:

O exemplo extremo, caricatural, dos discursos libertários do Brasil atual, foi aquele que enunciou a “imposição” da democracia, quer se queira ou não; e que os opositores da democracia seriam “esmagados”. Certos discursos da esquerda, quando ela sonhava com o poder conquistado pela revolução, infelizmente não eram muito diferentes quanto à forma. O fato de que tenhamos vivido quinze anos de opressão real (e não somente discursiva), durante os quais um só discurso era autorizado, torna esta excitação atual mais que compreensível e extremamente bem-vinda. Mas seria conveniente refletir sobre a tentação opressiva dos discursos, mesmo dos libertários. E é por isso que a tradução e a publicação da *Aula* é oportuna, na medida em que ela propõe esta utopia salutar: “que uma língua, qualquer que seja, não reprima outra”; que os discursos possam ser plurais, condição de toda democracia (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 65).

Nota-se, desse modo, a forma como a teoria barthesiana orienta o olhar da pesquisadora brasileira, que tece reflexões sobre o Brasil por meio dos textos de Barthes. Sempre cuidadoso com os discursos, no início da *Aula Inaugural*, Barthes começa questionando os motivos pelos

quais o Collège de France o convidou para ocupar a cadeira de semiologia. Para ele, por não ter os títulos qualificados institucionalmente, seria quase impossível fazer parte do Collège, contudo, ele foi convidado. Barthes descarta as razões que o Collège teve para convidá-lo, ainda que ele saiba a importância do seu trabalho naquela época. Outra indagação colocada por Barthes reside no fato de ele considerar o Collège como um lugar fora do poder institucional: “Uma outra alegria me vem hoje, mais grave porque mais responsável: a de entrar num lugar que pode ser dito rigorosamente: *fora do poder*.” (BARTHES, 1978, p. 09). A maneira de funcionar do Collège de France difere das demais instituições de ensino. Em nota presente no site do colégio, podemos perceber que esse modelo se mantém até os dias atuais: “Les cours et séminaires sont gratuits, en accès libre, sans inscription préalable”<sup>3</sup>. Para Barthes, lá “o professor não tem aqui outra atividade senão a de pesquisar e de falar” (BARTHES, 1978, p. 10).<sup>4</sup> Contudo, o autor, no mesmo discurso da *Aula*, infere que:

Sem dúvida ensinar, falar simplesmente, fora de toda sanção institucional, não constitui uma atividade que seja, por direito, pura de qualquer poder: o poder (*a libido dominandi*) aí está, emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder (BARTHES, 1978, p. 10).

Barthes argumenta que quanto mais livre for o ensino, mais será preciso questionar sob que condições e operações o “discurso pode despojar-se de todo desejo de agarrar” (BARTHES, 1978, p. 10). Ao levantar essas questões em sua *Aula Inaugural*, no Collège de France, Barthes levanta o sinal de alerta quanto ao cuidado e postura crítica frente ao que ali se ensina: “Esta interrogação constitui, a meu ver, o projeto profundo do ensino que hoje se inaugura (BARTHES, 1978, p. 10).

## 5 Desdobramentos da *Aula Inaugural* nos cursos do Collège de France na visão de Leyla Perrone-Moisés

Do dia 29 de setembro ao dia 10 de outubro de 2003, aconteceu o Colóquio *Roland Barthes com Saber e Sabor*, realizado pela Universidade de São Paulo (USP) e, no mesmo ano,

---

<sup>3</sup> Tradução para a língua portuguesa.

<sup>4</sup> <<https://www.college-de-france.fr/site/institution/Le-College-Presentation.htm>>

aconteceu, no dia 03 de outubro, o Colóquio *Roland Barthes* na Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói, Rio de Janeiro). Os colóquios foram resultados da parceria entre as pós-graduações das duas universidades e com a *Bureau du Livre* da Embaixada da França (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 9). As apresentações dos professores nesses eventos resultaram no livro intitulado *De volta a Roland Barthes*, publicado em 2005 pela editora EdUFF. Nele, o artigo publicado por Leyla Perrone-Moisés traz uma discussão interessante a respeito da *Aula Inaugural* de Barthes. Ela, como acompanhante dos cursos de Barthes, relata como se deu os desdobramentos das ideias da Aula nos cursos que Barthes ministrou no Collège. Contudo, não fica claro, no artigo, se Leyla estava presencialmente nesses cursos, apesar de ela elaborar, com precisão, comentários a respeito deles. O título de seu artigo é *A prática da Aula nos cursos do Collège de France*.

Roland Barthes morreu em decorrência de um acidente que sofreu em frente ao Collège, poucos anos após sua entrada nele, o que fez com que o teórico oferecesse apenas três cursos 1977 a 1980, período que, segundo Leyla Perrone-Moisés, é também o momento da fama de Barthes (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 131). Segundo ela, desses três cursos, dois foram publicados e são: *Como viver junto* e *O neutro*. O que interessa a este artigo, no texto de Perrone, é o modo como ela elabora uma apresentação do que ela chama de princípios que estão na *Aula* de Roland Barthes, sendo aplicados nos cursos que ele ofereceu no Collège. A autora adverte:

É preciso lembrar, inicialmente, que o texto desses cursos é construído por fichas preparatórias dos mesmos, apresentando variados estados de redação, desde a simples nota ou referência até trechos mais extensamente redigidos. A transcrição dessas fichas foi completada com o auxílio de gravações sonoras dos cursos. Assim sendo, se nesses dois volumes reencontramos pontualmente a inteligência, a originalidade de visão, humor e auto-ironia que caracterizavam o Mestre, não encontramos neles a plenitude de sua escritura (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 131).

O livro *Como viver junto*, segundo Leyla, foi resultado do primeiro curso ministrado por Barthes no Collège de France e, por isso, ele possui mais referências aos princípios da *Aula Inaugural*: “sente-se mesmo, da parte de Barthes, a preocupação em honrar a obrigação assumida, e realizar os propósitos anunciados na Aula” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 132). Esse primeiro curso foi ministrado no dia 12 de janeiro (ano letivo de 1976-1977). Nesse primeiro curso, Perrone descreve que Barthes buscou opor o “método à paidéia ou cultura”, compreendendo que o método direciona um “caminho reto”, algo que ele já tinha vivido quando na sua fase de adesão

ao método estruturalista. O interesse de Barthes não era mais o método, mas a cultura (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 132), e retoma a uma visão de Mallarmé, o método só faria sentido se fosse tomado como uma ficção. Barthes buscou pautar seu curso num modelo livre dos escolásticos tradicionais, os quais desenvolvem a pesquisa buscando um resultado. Segundo Leyla Perrone-Moisés, o curso *Como viver junto* foi constituído de fragmentos, e Barthes buscava não chegar a um resultado concreto, “Isso porque o objetivo do curso é reconhecido, desde o início, como inalcançável ou irrealizável: a utopia da idiorritmia” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 132). O desejo de Barthes era o de uma comunidade em que “os membros pudessem viver ao mesmo tempo em companhia e em liberdade” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 132), respeitando as individualidades. Para Perrone, o curso de Barthes se apresenta como uma proposta romanesca e utópica (ficção?). Ainda nesse curso, Leyla Perrone-Moisés aponta mais um princípio da *Aula* na abordagem do autor. Trata-se de pensar, a cada ano do curso, a pesquisa como fantasia. “A fantasia estaria na origem da cultura, como geração de forças, de diferenças. A utopia da idiorritmia é apresentada como um fantasma pessoal do professor” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 133). Ser inconclusivo era a mensagem da *Aula*, estar sempre lutando contra o poder na linguagem: “O despojamento do “desejo de agarrar”, que Barthes colheira no ensinamento oriental, taoísta ou zen, é um *topos* de sua obra tardia, servindo tanto para o tema do amor como para o do ensino” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 134).

O segundo curso de Roland Barthes, sobre o *Neutro*, foi ministrado no ano letivo 1977-1978. Nele Barthes demarca o seu lugar como “fora da maestria”, em *O neutro* ele busca desmontar a maestria criada sobre a figura do professor para “criar com os alunos uma relação mais baseada nos desejos do que nos saberes, na produção do que na reprodução” (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 135). Nesse sentido, para Leyla Perrone-Moisés:

De fato, os cursos do Collège podem decepcionar quem busque métodos aplicáveis e resultados conclusivos. Mas eles contêm, mesmo na forma ainda virtual que é das notas preparatórias, um poder encantatório que a voz de Barthes ajudava a criar, em momentos epifíticos de inteligência afetiva. Apontá-los, aqui, seria tirar-lhes o encanto, que depende, em grande parte, da emergência dessas breves manifestações de afeto no fluxo discursivo em geral fosco, neutro (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 140).

Em uma postura nova, combatendo o método estruturalista, Barthes, em vários momentos do curso, segundo Perrone, expressa uma falta de ânimo:

Ele declara que estava vivendo um momento de xenitéia, que ele que ele qualifica como “um fantasma ativo: necessidade de partir, logo que uma estrutura pega”. Reconhecemos nesse “fantasma ativo” o impulso para o deslocamento que caracterizou a carreira de Barthes, sempre desconfiando dos discursos que se tornam senso comum, que se repetem sob forma de *doxa* e boa consciência. No fim de sua vida, o desejo de deslocamento era sentido por ele como desejo de retirada. E foi esse estado de espírito que acabou provocando o acidente fatal, à porta do Collège. Restam-nos esses cursos como últimos testemunhos, um pouco melancólicos, de seu inigualável charme (PERRONE-MOISÉS, 2005, p. 141).

Ao final da vida, Barthes apresentava uma certa “preguiça” frente ao excesso de discurso, motivo que o levou, quem sabe, a escrever muito em fragmentos – teria Barthes inventado um gênero textual? Buscou combater o discurso extremista e arrogante, mostrou-se desanimado com a militância dos estudantes da época. A trajetória de Barthes foi marcada por uma sequência de mudança teórica e autocrítica, sempre no trabalho com e na linguagem: mudar a língua = mudar o mundo era o lema de sua movimentação intelectual. Resta-nos, diante de todo o material produzido por Barthes e traduzidos por Leyla Perrone-Moisés, compreender a relação que essa mudança na linguagem pode mudar no mundo e construir a comunidade sonhada por Barthes como o lugar possível para o viver-junto.

Nota-se que o trabalho de tradução de Leyla Perrone-Moisés ultrapassou as fronteiras da tradução, levando a crítica literária a traçar reflexões sobre o Brasil, a partir dos escritos de Barthes. Tradutora e crítica, o trabalho generoso de Leyla Perrone-Moisés possui uma grande importância para os cursos de Letras no Brasil, o que fica evidente no reconhecimento que a pesquisadora conquistou por meio de sua trajetória. Em *Aula*, Barthes problematiza as questões dos discursos de poder, do estereótipo, das palavras de ordem, enfim, de toda expressão de arrogância. Para ele, era preciso transformar a linguagem para transformar o mundo.

## Conclusão

A partir do presente texto, buscamos tanto empreender um trabalho panorâmico a respeito da trajetória intelectual de Perrone-Moisés quanto compreender a relação estabelecida com o teórico francês Roland Barthes e Leyla Perrone-Moisés, principalmente para a tradução da *Aula Inaugural* no Collège de France. No primeiro momento, apresentamos detalhes do envolvimento e do trabalho intelectual da Perrone-Moisés com a obra barthesiana, no sentido de mostrar de que forma a pesquisadora atuou em cada livro. Há, desse modo, entre tradução, coordenação, trabalho de crítica, posfácio e apresentações, uma sequência de livros de 1970 até 2021. No segundo momento, detivemo-nos às cartas enviadas por Roland Barthes a Perrone-Moisés. A sequência de cartas analisada é de 22 de maio de 1977 a 5 de junho de 1979. A partir delas, buscamos perceber como foi o processo de tradução da *Aula Inaugural* de Barthes para o Brasil e discutir a respeito dos temas amizade e fidelidade, palavras caras aos dois autores, uma vez que, com a intensidade dos trabalhos e a frequência do tempo/história, ambos não só estabeleceram a relação de amizade, mas buscaram mantê-la. Essas datas desvelam o grandioso envolvimento de Perrone-Moisés com a obra barthesiana, afinal, com traduções, apresentações, divulgações em eventos, produções em sala de aula, orientações etc., a pesquisadora brasileira mantém vivo o pensamento de Barthes no Brasil, pensamento este que deu respaldo para o fazer teórico nos cursos de Letras – mas não só –, visto que Barthes é estudado em diversas áreas de conhecimento quando o assunto é linguagem. Assim, sem nunca ter vindo ao Brasil fisicamente, sua produção foi/é traduzida e estudada, o que o faz sempre presente entre quem estuda a linguagem, a língua, a literatura.

<b>CRedit</b>
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: Conceitualização,, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. : DE ASSIS, Marcelise Lima.

## Referências

- BARBOSA, Marcio Venício. Escritura e amizade: a presença de Roland Barthes na obra de Leyla Perrone-Moisés. *ALEA*, Rio de Janeiro, vol. 22/3, p. 78-92, set-dez. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/alea/a/QkZnTH56t6fJG9dCSjBrFk/#>>. Acesso em: 15 set. 2022.
- BRANDINI, Laura Taddei. Roland Barthes no Brasil, via traduções. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, n. 34, p. 120-141, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p120>>. Acesso em: 20 jan. 2021.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Tradução e posfácio: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.
- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora perspectiva, 1982.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Edição Liberdade, 2017.
- CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem & outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- HIDALGO N., M. *Leyla Perrone-Moisés y algunas modulaciones barthesianas en Brasil em torno a la crítica y la literatura*. *ALEA*. Rio de Janeiro, vol. 18/2, maio- agosto 2016.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes*. São Paulo: Editora brasiliense, 1983.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Com Roland Barthes*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vivos na memória*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2021.
- MOISÉS, Leyla Perrone. Apresentação. In: BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Tradução: Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora perspectiva, 1970.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Ensaio: Texto, Crítica, Escritura*. São Paulo: Editora Ática, 1978.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A prática da Aula nos cursos do Collège de France. In: *De volta a Roland Barthes*. Niterói: EdUFF, 2005.
- PINO, Claudia Amigo. As múltiplas críticas da crítica de Leyla Perrone-Moisés. In: *Revista Crítica & Criação: Travessias da Crítica na América Latina*. Nº 35, ISSN 1984-1124 2023. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/issue/view/12942>>, acesso em 25 jul. 2023.